



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 09
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:
Teoria do Conhecimento I, Aula 09, Lição VII, 28 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

DISCIPLINA DE TEORIA DO CONHECIMENTO – RESUMO DAS AULAS

[28/04/2011]

AULA 09, Lição VII: EXPOSITIVA:

B. Os temas clássicos e os problemas universais da Teoria do Conhecimento
3. Entre a Ética, as ciências e a Metafísica: O valor e as fontes do conhecimento
MP3

§1

Os temas relativos à crença, à verdade e à justificação estão intimamente ligados aos temas referentes ao valor e às fontes do conhecimento. Na verdade os primeiros só ganham sentido quando pensados a partir dos últimos, sobretudo no que diz respeito ao valor; o que se aplica inclusive ao caso de uma pura e simples descrição do conhecimento e de seus elementos constitutivos. Enquanto a questão relativa às fontes do conhecimento é ponto pacífico para muitos epistemólogos, o problema do valor se reveste de uma complexidade bem mais difícil de explicitar. Isso porque o valor como tal se constitui de elementos a um tempo epistêmicos, lógicos, éticos, ontológicos etc., nem sempre igualmente aceitáveis por todos os filósofos que se voltam para essa problemática. Isso faz com que o problema do valor se identifique em grande parte com o problema da justificação, quando se impõe a questão de saber se o conceito de justificação é normativo e, se é, de que modo o é¹.

As fontes do conhecimento científico (o único que aqui nos interessa) se reduzem basicamente à experiência e à razão, as quais são distintamente avaliadas e portanto valorizadas pelas diferentes concepções normativas do conhecimento. Enquanto a experiência se limita em geral ao que é exterior, e por isso aos sentidos, segundo Kant, ao modo como o nosso conhecimento começa, a razão diz respeito à origem

¹ Ver, a respeito, MOSER, P. K., MULDER, D. H., TROUT, J. D. *A teoria do conhecimento: uma introdução temática*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 41ss.



Hyperapophasis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 09
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:
Teoria do Conhecimento I, Aula 09, Lição VII, 28 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophasis, 2011.

do mesmo; essa que não é empírica, mas puramente racional, isto é, transcendental. Dessa relação primária ou sensível entre experiência e razão, uma série de outras relações pode emergir; por exemplo, a noção de experiência da consciência, em seu duplo genitivo, objetivo e subjetivo; noção essa desenvolvida inicialmente por Hegel em sua *Fenomenologia do Espírito*. Tal noção implica não só a passagem de uma justificação meramente lógica ou epistêmica do conhecimento a uma justificação ontológica, mas também a uma justificação propriamente ética. Igualmente a referida noção implica a passagem de uma concepção pura e simplesmente epistêmica do conhecimento a uma concepção ética e a uma concepção religiosa do mesmo. Essas que só recentemente vem sendo reconhecidas como objetos epistêmicos legítimos.

§2

Na medida em que se aceita que o conceito de justificação é normativo, se impõe a questão de o mesmo possuir ou não um caráter deontológico (isto é, relativo ao dever), segundo o qual a partir da afirmação de que uma proposição determinada (por exemplo, P) é epistemicamente justificada para alguém, segue-se que é falso dizer que esse alguém deva se abster de aceitar a referida proposição (P). Isto significa que uma proposição epistemicamente justificável é o mesmo que uma proposição epistemicamente admissível; quando se impõe o caso de se conceber o conceito de justificação aí envolvido como uma certa normatização acerca de como se deve adquirir crenças verdadeiras e como se deve evitar crenças falsas. O que embora possa ser tomado como análogo à ética e mesmo que se mostre a epistemologia como uma “ética da mente”², não é ainda uma justificação propriamente ética do conhecimento.

² Ver, MOSER, P. K., MULDER, D. H., TROUT, J. D., op. cit., p. 43.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 09
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:
Teoria do Conhecimento I, Aula 09, Lição VII, 28 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

§3

Uma justificação propriamente ética do conhecimento, assim como uma justificação ontológica etc., não reside numa analogia entre as diferentes ciências filosóficas que tratam do conhecimento; as quais, assim, se manteriam uma ao lado da outra e mesmo uma em oposição à outra. Ao contrário, uma justificação ética ou ontológica do conhecimento busca determinar em que medida, por exemplo, o conceito de valor e os conceitos ético e ontológico de valor se mostram mais abrangentes que o mero conceito lógico ou epistemológico. Essa a razão pela qual nos tempos atuais emergir disciplinas como a Bioética e a ideia de uma fundamentação intersubjetiva do conhecimento, o que impõe a cada caso novos esclarecimentos sobre as fontes do conhecimento em seus mais diversos níveis e graus.

§4

Do que foi dito até aqui se pode depreender uma infinidade de níveis e de graus nos quais o conhecimento verdadeiro pode apresentar-se. O que implica, portanto, igualmente, na existência de diversos níveis e graus de justificação, inclusive de níveis ou graus que prescindem de justificação formal; caso em que, quando aplicada aos mesmos, esta só pode mostrar incompatível ou mesmo contraditória e inconsistente. Tal é o caso da esfera em que a unidade de forma e matéria se apresenta como mero instrumento de manipulação técnica do real e tendo em vista pura e simplesmente a satisfação de certas carências naturais ou sociais; o mesmo ocorrendo no caso da esfera em que a unidade de forma e conteúdo se apresenta em sua plenitude, razão pela qual essa plenitude já se mostra como sua justificação, a qual, neste caso, é a um só tempo, não meramente formal, mas antes



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 09
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:
Teoria do Conhecimento I, Aula 09, Lição VII, 28 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

fundamentalmente ideal e real. Isso quer dizer que as esferas que exigem justificação no sentido acima aludido são unicamente aquelas em que, tanto de um ponto de vista epistêmico, como de um ponto de vista ético, está em questão a conformação da unidade de forma e conteúdo com vistas à sua realização nos quadros da esfera em que se propõem como tais.

§5

Enfim, a justificação do conhecimento verdadeiro se impõe como algo proporcional ao valor e à fonte daquilo que implica sua certeza e sua verdade; razão pela qual há que se reconhecer que, na medida em que o valor e a fonte nele em questão não são conceitos pura e simplesmente epistêmicos, a justificação que em cada caso está em jogo poderá limitar-se ou não ao seu caráter propriamente epistêmico-formal. Um conhecimento cujo valor se limita à utilidade e cuja fonte não deriva senão da experiência imediata não poderá ser considerado um candidato à altura da exigência de uma justificação formal, e isso por mais eficaz ou eficiente que este conhecimento possa se apresentar; como por exemplo no caso das ciências ditas naturais e, mais precisamente, da ciência em sua crescente sincretização com a técnica – tais ciências exigem sim uma justificação, mas não uma justificação simplesmente epistêmico-formal e sim uma justificação epistêmico-real, no caso ética ou, mais propriamente, metafísica. Ponto que, infelizmente, por agora, não poderemos considerar adequadamente, ficando para mais tarde sua adequada apreciação.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 09
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:
Teoria do Conhecimento I, Aula 09, Lição VII, 28 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

§6

Referências (e sugestões de bibliografia):

- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução, introdução e notas de Marie-Joseph Nicolas (et al.). São Paulo: Loyola, 2001ss.
- ARISTÓTELES. **De Anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução brasileira de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Trad. Mário da Gama Kury. – 3. ed. – Brasília: EdUnB, 1992.
- APEL, K-O. Fundamentação última não-metafísica? In: STEIN, Ernildo e DE BONI, Luís Alberto (Org.). **Dialética e liberdade**. Petrópolis: Vozes, Porto alegre: Editora da UFRGS, 1993: (305-326).
- HABERMAS, J. **Verdade e Justificação**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830)**. I. *A Ciência da Lógica*. São Paulo: Loyola, 1995. (3 vols.).
- HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HEGEL, G.W.F. **Ciencia de la Lógica**. Buenos Ayres: Solar/Hachete, 1968.
- HUSSERL, Edmund. **A idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1996.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. V. Rohden e Udo B. Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980a.
- PLATÃO. **Mênon**. Trad. Maura Iglesias. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2003.
- _____. **A República**. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. – ed. 9 – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- ZILLES, U. **Teoria do Conhecimento e Teoria da Ciência**. São Paulo: Paulus, 2005.
- WOLFF, C. **Pensamientos racionales acerca de Dios, el mundo y el alma del hombre, así como sobre todas las cosas en general**. Madrid: Akal, 2007.

FIM DO RESUMO!